

O TESOURO ESCONDIDO

Carta aberta aos
franco-maçons e a outros

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Lorangeira – UTP
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Michel Maffesoli

O TESOURO ESCONDIDO

Carta aberta aos
franco-maçons e a outros

Tradução de Simone Ceré



Editora Sulina

Copyright © Michel Maffesoli, 2019

Título original: Le Trésor Caché: lettre ouverte aux francs-maçons et à quelques autres

Capa: Humberto Nunes

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão técnica: Juremir Machado da Silva

Revisão: Álvaro Larangeira

Tradução: Simone Ceré

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

M187t Maffesoli, Michel

O tesouro escondido: carta aberta aos franco-maçons e a outros / Michel Maffesoli, traduzido por Simone Ceré. --

Porto Alegre: Sulina, 2019.

191p.; 14x21 cm.

Título original: Le trésor caché: lettre ouverte aux francs-maçons et à quelques autres.

ISBN: 978-85-205-0840-4

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Maçonaria. 4. Humanismo. I. Título.

CDD: 300

CDU: 101

316

Todos os direitos desta edição são reservados para:

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Março/2019

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Magistri, Amico
Defuncto
Gilbert Durand (1920-2012)
Discipulus, Amicus
M.M.

Sumário

Advertência.....	9
Introdução.....	11
I. Um pensamento livre	23
II. A palavra perdida	43
1. Uma abordagem velada	45
2. A vida do espírito.....	61
3. A “pansofia” iniciática	81
III. A tradição ou a cadeia do tempo	99
1. A sabedoria encarnada	101
2. O pensamento progressivo	113
3. Um barroco exemplar.....	129
IV. A lei dos irmãos.....	141
1. Uma ordem simpática.....	143
2. O mistério da trindade.....	153
3. O retorno da criança eterna.....	169
V. À guisa de conclusão	181

Advertência

Eu não ensino, conto.

Montaigne

Em um momento em que prevalece a vilania, com uma atonia generalizada por consequência, o único estímulo válido é saber dizer as ideias da época. Buscar o permanente sob o transitório permite compreender o princípio sobre o qual repousa dada sociedade. É nesse sentido que se pode pensar a franco-maçonaria como uma lente de aumento que faz surgir alguns aspectos da alma coletiva.

Foi esse o caso no século XVIII, apogeu da modernidade. E embora alguns de seus membros não estivessem conscientes disso, talvez possuíssem este “tesouro escondido” ao qual se pode recorrer a fim de compreender as características essenciais da pós-modernidade em curso: o comportamento iniciático das viagens, o ideal comunitário, a solidariedade fraternal, a tolerância e sua contrapartida, o relativismo; trata-se aqui de pequenos fatos significativos que caracterizam o humanismo autêntico.

São esses valores que, tal como um curso subterrâneo, alimentam a vida em sua inteireza e em sua crueza. Ora, não o esqueçamos, é percorrendo os lugares secretos que se evitam os lugares-comuns do pensamento conformista, e que se pode, portanto, chamar a atenção a este indizível que diz tudo.

Valores que exprimem a paixão pelo maravilhoso e dão um novo vigor, nas novas gerações em particular, a uma sabedoria que, desde sempre, respeita a alteridade natural e social. É isso a filosofia progressiva da maçonaria tradicional, aquela do enraizamento dinâmico. Isso cuja imagem da espiral é uma boa ilustração. Eis o que pode interessar aos humanistas e aos poetas – dá no mesmo – ávidos de harmonia.

Não crendo, por experiência, na eficácia das explicações pedagógicas, tenho por ambição semear nos espíritos alguns germes que, para alguns, não deixarão de crescer por si próprios. E isso lembrando que todo livro tem por colaborador seu leitor. É uma tal sensibilidade “a-dogmática”, e apenas ela, que favorece o pensar autêntico: buscar, antes de tudo, a justeza dos sentimentos e, por isso, discernir a palavra pertinente que permite encontrar progressivamente a fala perdida e, portanto, fundadora.

Nada é verdadeiramente exato nas páginas que seguem, mas tudo nelas é verdadeiro. Quem pode compreender, compreende! Assim, negligenciando esses pensadores tão pouco razoáveis, o leitor atento de iniciado se tornará iniciador!

Introdução

Não há nada que escondido não seja revelado, nada de oculto que não seja conhecido. O que lhes digo nas trevas, digam-no à luz do dia; e o que escutam no fundo da orelha, proclamem-no dos telhados.

Mateus, 10:26-27

Tudo o que é importante está enterrado ou domina de cima. E é da conexão do baixo e do alto que germina o que posteriormente frutifica.

Os subsolos da vida! Não é neles que se desenha, secretamente, o que se passa com os destinos humanos? É o lençol freático que, em dado lugar, sustenta fauna e flora. Das grutas de Lascaux às catacumbas romanas, é nas pregas subterrâneas que se inventa o que será progressivamente a civilização humana. Os historiadores não deixam de lembrar que é a partir da gestão dos esgotos, por exemplo, partindo do fórum, “*cloaca maxima*”, que se estrutura a vida urbana. E o que seria das cidades europeias sem as pedreiras que lhes servem de alicerce e lhes fornecem o material necessário para seus edifícios?

“Fundações”, “fundamentos”, “fundamentais”, poderíamos continuar a engrenar as palavras dando base às coisas. Conviria, portanto, não se deter na superfície. A energia viria dos estratos escondidos, constitutivos do dado mundano. Sabe-se que os fundadores das cidades antigas escolhiam os sítios em função das veias telúricas vindas deste ou daquele santuário sa-

grado. Mitos, tudo isso? Certamente. E é exatamente enquanto tais que eles são eficazes!

Mas deixemos escapar a metáfora: de baixo para cima. É do alto que escorre água fecunda e fertilizante. É à imagem da bacia hidráulica que Gilbert Durand demonstrou como se constituía o sentido das coisas. A “bacia semântica”. Fluindo no flanco das montanhas, corrente central, tudo isso é oriundo ainda desses santuários que, sob nomes diversos – Olimpo, Sinai, Fujiyama, Meru, Thabor, Montaigu, Potala, K’ouen-Louen e outros –, constituem essas montanhas axiais por onde se estabelecia a relação com o sagrado.

E é no encontro do baixo e do alto da terra e do céu que, em todos os tempos, se estruturou a potência do *viver-junto*. Potência natural, portanto, enquanto variedade e transformação, que se atualiza no devir cultural. Uma metáfora geológica traduziria bem isso: esses ofiólitos – *stricto sensu* “serpentes de pedra” – designam o conjunto estratificado de rochas magnéticas. Ou, para dizer num termo próprio da ciência do homem, “*habitus*”, pelo qual Tomás de Aquino qualificava a relação existente entre um lugar, uma roupa e os costumes. O que chamei de “espaço e socialidade”. Em outros termos, “culturalização da natureza” e “naturalização da cultura”.

Tudo isso para lembrar que, sem polêmica excessiva, é preciso manifestar um repúdio veemente perante todos esses que celebram, sem discernimento, as ideias estabelecidas, e que, portanto, não podem perceber que a vida cotidiana se baseia empiricamente em relações secretas e significantes que se estabelecem entre todos os elementos de um real polissêmico. Holismo que permite compreender esta harmonia de conjunto que chamamos “cosmos”.

O princípio de tudo está na relação. Na coincidência das coisas e das pessoas que fazem da vida isso que ela é. Estar reli-

gado, estar em relação é exatamente a poesia esparsa que oferece todo o seu sal ao dado mundano. É exatamente isso que constitui esse emocional indefinido no qual cada um se sente no mesmo plano com o que lhe cerca. Daí a necessidade de compreender esses cruzamentos que são como tantos hieróglifos que convém decifrar.

Essa “religação” fundamental, ou seja, esse desejo de estar com e de estar em confiança, é encontrada com constância ao longo das histórias humanas, em todas as associações que fazem da fraternidade o elemento motor do *viver-junto*. “Religação”! Utilizando e desenvolvendo, cada um à sua maneira, esse termo proposto pelo sociólogo Marcel Bolle de Ball, Edgar Morin e eu mesmo mostramos que não se podia compreender a complexidade e a inteireza humana a não ser a partir do compartilhamento dos afetos¹. Não é isso esta *affectio societatis* ancestral?

Das heterias gregas à franco-maçonaria contemporânea, passando pelas diferentes gnoses e outros cultos misteriosos, é longa a lista de todas essas associações ocultas que se basearam no vínculo estreito existente entre o invisível e o visível, o imaterial e o material, mostrando assim a correspondência existente entre os altares celestes e as partes obscuras da consciência coletiva. Relação essa que permite, por meio do sentimento de pertencimento, estar à altura do cotidiano.

É porque soube compreender onde se formavam as relações secretas de tal *religação* que a franco-maçonaria pôde, no século XVIII, estar em sintonia com os tempos modernos, o que

¹ Cf. Ali Aït Abdelmalek, *Edgar Morin*, Éditions Apogée, 2010.

M. Bolle de Bal, *La franc-maçonnerie aux portes du devenir: un laboratoire de reliance* [A franco-maçonaria às portas do futuro: um laboratório de religação], Detrad, 1998.

Michel Maffesoli, *No fundo das aparências: por uma ética da estética*, Vozes, 1996.

Ver também *Homo eroticus*, CNRS éditions, 2012, em particular o capítulo sobre a irmação.

lhe permitiu, ao longo do século XIX, ter uma inegável performatividade e exercer uma real influência no devir social. Mais precisamente à medida que soube orquestrar os pontos nodais em que se articulavam as correntes que animam a sociedade.

Assim, com a sensibilidade heterodoxa, à qual retornarei longamente, ela se opôs aos dogmatismos institucionais, ao obscurantismo e ao fanatismo, privilegiando a *educação* por meio do *racionalismo*, em vista de um *progressismo* infinito. Tem-se aí o tripé fundador de um contrato social que conduz à concepção de uma república una e indivisível. Mas eis que, nas metamorfoses próprias à humanidade, esses valores sociais se tornaram ultrapassados. Pouco a pouco, saturaram-se. Portanto fatigam e não são mais atrativos!

Daí a necessidade de saber musicar a heterodoxia de outra maneira a fim de identificar as formas que assume o imaginário pós-moderno. Pois é disso que se trata: localizar a vida escondida e secreta que está no fundo (os fundos) das sociedades contemporâneas. Procedimento exigente que não autoriza mais ser um Dom Quixote, esse “cavaleiro da triste figura” que luta contra moinhos de vento, mas, ao contrário, em referência à tradição, saber ler, ou seja, decifrar ou detalhar a retórica social do momento. Aquilo que existe, e não o que se gostaria que existisse!

É paradoxal? Não necessariamente, pois o *tesouro escondido* existe. E retornar às raízes, ser o que, na *Arte poética*, Horácio nomeia um “*laudator temporis acti*”², é demonstrar radicalidade. E assim seguro, evitar as facilidades da verborreia, as delícias incomuns da opinião, ou a açucarada sentimentalidade, que são as características essenciais da vilania contemporânea.

² “Aquele que louva o tempo passado.” (Horácio)

Ela não é, necessariamente, consciente disso, mas a maçonaria tradicional tem algumas chaves que permitem acessar o *tesouro* em questão. Em todo caso, ela pode, pela fidelidade às raízes, dar algumas indicações para empreender a busca sempre renovada daquilo que existe. Chamo isso de “enraizamento dinâmico”. Nesse sentido, não mais reduzir o outro ao mesmo, mas sim saber realçar a alteridade.

Ou seja, identificar que outro tripé já está em curso na sociedade oficiosa e que, portanto, convém acompanhá-lo. Isso seria apenas para fazê-lo dar o melhor de si mesmo.

Nesse sentido, voltando às raízes, identificar o gosto pela *iniciação*, mostrar que isso se faz em função do *emocional*, usando uma filosofia *progressiva*. Assim, a *res publica* é diversa. O mosaico é a sua ilustração acabada que concilia as diferenças, deixando-as ser o que são. Eis o que é o intemporal tesouro das sociedades secretas, eis em que, tomando suas bases a partir de suas raízes, a franco-maçonaria estará em sintonia com o espírito do tempo e poderá voltar a ser o *centro da união*, que é sua natural vocação.

Por que falar de “tesouro escondido”, se não porque no balanço das histórias humanas, no regime diurno do imaginário, sucede um regime noturno³? “Ó noite, como é doce teu mistério⁴.”

E, nessas épocas – a pós-modernidade entre elas – em que prevalece o claro-escuro da existência, então renasce o gosto pelas sensações da alma. Portanto, o gosto pelo mistério. Uma frase de Balzac, em seu romance *Louis Lambert*, poderia nos ajudar a compreender isso: “*Abyssus abyssum* – nosso espírito é um

³ Para esta distinção, ver Gilbert Durand, *Les structures anthropologiques de l'imaginaire* [As estruturas antropológicas do imaginário], 13. ed., Bordas, 2012.

⁴ Jean-Philippe Rameau, *La nuit* [A noite].

abismo que se deleita nos abismos”, o que não deixa de despertar a lembrança deste desconhecido que dorme em nós.

O imperativo das Luzes, cuja dinâmica foi imperiosa e, em seu tempo, salutar, se encerra mal com a ideologia da transparência. Daí, em compensação, de maneira difusa, o gosto pelo que está escondido, velado. Não são belas essas flores em botão das quais esperamos a floração? E no amor, as mais doces confissões não se fazem em segredo? As coisas escondidas não carecem de atração? “Ó noite, como é doce teu mistério.” E o mistério, repito, é exatamente isso que une os iniciados entre si.

Vamos mais longe. A inegável contribuição da psicanálise, da qual Freud lançou as bases, e aquela da psicologia das profundezas, que se deve a C.G. Jung, repousam justamente na necessidade de ter em conta, ao lado da pura razão, esse não racional implantado na vida individual e coletiva. O que aparece do *iceberg* não sendo senão uma minúscula parte de um conjunto mais vasto.

O instante obscuro, a parte maldita, o papel da sombra. Eis o que é esse *tesouro escondido*, do qual a maçonaria tradicional busca sempre e de novo o mistério⁵, e que está no próprio âmago do inconsciente coletivo contemporâneo. É surpreendente ver quanto a exigência intelectual do momento é totalmente indiferente às certezas propostas pelos grandes sistemas elaborados durante a modernidade. Como lembrou o filósofo Jean-François Lyotard, a pós-modernidade é exatamente “o fim das grandes narrativas de referência”.

Desse modo, se retorna empiricamente ao papel que desempenha a *iniciação* (a aprendizagem) na necessária socialização das energias juvenis, à importância do emocional, ou seja,

⁵ Cf. B. Pinchard, “Les mystères de Béatrice” [“Os mistérios de Beatriz”] in *Renaissance et lumières* [Renascimento e Luzes], *Cahiers Villard Honnecourt*, 2014.

da razão sensível, na construção pessoal e coletiva. Isso que a filosofia *progressiva*, da qual a maçonaria guardou o segredo, resume magistralmente.

Progressividade: a verdade não é dada de uma vez por todas. Ela é relativa, ou seja, vetor de relacionamento: com os outros e o mundo. Como lembra Martin Heidegger ao longo de sua obra: é a *revelação* momentânea, jamais acabada, sempre a refazer. O mais perto possível de sua etimologia grega, “*a-létheia*”, ela remove o véu. Mas estando entendido que só há revelação porque existe a retirada, o que está *escondido*!

É assim que a inquietude contemporânea se junta à tradicional busca do que está oculto. Para dizer à maneira de Fernando Pessoa, em sua inestimável obra esotérica, é uma “intranquilidade” que, enraizada no passado, indica os caminhos do futuro. E, lembrando que a maçonaria é uma ordem secreta, ou mais exatamente uma ordem iniciática, assinala que, “de resto, tudo o que se faz de sério ou de importante em reunião, neste mundo, se faz secretamente”⁶.

Dá a necessidade de uma análise serena e minuciosa, lembrando a perduração do mistério, a encontrar nos momentos marcantes das culturas humanas. Para citar apenas alguns exemplos, evidentemente a busca do Graal, própria da tradição cavaleiresca; a taça do rei de Thule, lembrada por Goethe, que sabia um bocado de maçonaria, em seu *Fausto*; e o que se encontrará na taça do Felibritge, de Frédéric Mistral:

“*Coupo Santo*

E versanto

Vuejo à plen bord

Vuejo abord

⁶ F. Pessoa, *Obras completas*. T. 1 – Prosas. Ed. De La Différence, 1988, p. 471.

*Lis estrambord
E l'emavans di fort!*"

("Taça santa e transbordante, derrama até a borda, derrama em profusão os entusiasmos e a energia dos fortes!")

Esta taça perdida e a encontrar é isso mesmo que dá uma embriedade coletiva. Eterna busca dionisíaca das heterias gregas, essas sociedades de poder oculto! Procura orgiástica, ou seja, da paixão comum, característica dos maçons operativos da Idade Média, que renasce na taverna "O ganso e a grelha" das lojas londrinas do século XVIII. É também aquela das erupções juvenis pós-modernas que, em suas aglomerações, retomam o desejo de um ideal comunitário. Eis o *tesouro escondido* de um humanismo integral, ancestral, que encontra em nossos dias força e vigor.

Tenhamos também presente que essa taça do Graal ou aquela dos "fortes" é também a do enfrentamento. Desde a "taça de ouro" que os ingleses atribuíram ao vencedor das corridas de cavalos de Ascot, no século XIX, múltiplas são as taças esportivas – Copa do Mundo, Copa Davis... – que recompensam a coragem e a energia. O que se pode, alusivamente, pôr em paralelo com o "cálice da amargura"⁷, ou ainda com o fato de "beber o cálice até o fim".

Todas essas coisas que conotam o aspecto coletivo das provas. O enfrentamento do destino sendo nada menos que individual, mas sempre o fato de uma comunidade. E sustento, sem paradoxo algum, que, da busca dos cavaleiros da Távola-Redonda a dos iniciados contemporâneos, passando pelos "Iluminados"⁸ da Baviera, encontram-se os mesmos combates de alma. Combates dos quais encontramos eco nas redes sociais

⁷ Taça sagrada da maçonaria usada em cerimônias de iniciação. (NT)

⁸ Sociedade secreta da época do iluminismo, fundada em 1776, na Alemanha. (NT)

na Internet, onde se exprime, com intensidade e eficácia, uma idêntica preocupação com a solidariedade e a generosidade.

Quando tentamos ressaltar as estruturas intemporais em curso em nossas sociedades, é preciso saber distinguir o essencial do adventício. Nesse terreno, reconhecer que, ao contrário de um suposto individualismo, vê-se (re)nascer uma ordem simbólica em que predominam os tormentos do amor. *Ordo amoris* em que a prevalência do Eu deixa o lugar para a do Nós.

O que implica que se saiba ver que, em um sistema de dependência misterioso, se está preso por obscuros vínculos. Vínculos que unem simultaneamente a maçonaria tradicional e as práticas mais cotidianas da vida corrente pós-moderna. Aquela propondo a esta bases nas quais será possível apoiar a construção da sociedade em curso.

Pode-se, desse ponto de vista, falar da atitude profética da franco-maçonaria? Sim, prendendo-se à etimologia do termo, lembra-se que “*pro pheni*” significa “dizer na frente”, e não “dizer antes”! Ou ainda, na mesma ordem de ideias, sabe-se fazer uma pesquisa apocalíptica, ou seja, permitindo a revelação daquilo que existe e não se sabe ver. Talvez, simplesmente, porque isso “fure os olhos”!

Mas para tanto é preciso que se saiba adotar uma atitude desenvolta e séria ao mesmo tempo, para compreender o que move em profundidade aquilo que existe, e que se saiba desprezar as encantações um tanto repetitivas dos adeptos do *progressismo*, a fim de extrair todas as consequências da filosofia progressiva. Talvez aí se encontre o centro da busca pelo *tesouro escondido*: a saber, a repulsa dessas frases feitas que, calçando as gastas pantufas do progressismo do século XIX, só traduzem a mediocridade da opinião convencional.

Naturalmente, ao contrário das formas abastardadas ou substituídas, sejam elas legalistas, especuladoras ou simples-

mente “clubistas”, a questão aqui é uma franco-maçonaria ideal que é frequentemente mais pertinente que os próprios franco-maçons! Trata-se de um tipo ideal ou daquilo que Hegel (cuja proximidade com esta sociedade de pensamento direi) chama de indivíduos históricos: “Eles querem e realizam não uma coisa imaginada e presumida, mas uma coisa justa e necessária que compreenderam porque receberam interiormente a revelação disto que pertence realmente às possibilidades do tempo”⁹.

Trata-se da outra maneira de dizer esse *Zeitgeist*, esse espírito do tempo que faz de nós o que nós somos. É assim que a maçonaria tradicional, não adulterada, não alterada, não enervada, pode ser considerada como uma lente de aumento graças à qual a pós-modernidade pode se realizar. E isso atualizando, ou seja, tornando presentes, todos os possíveis que estão nela.

Mas para compreender as linhas de força do espírito do tempo, não se pode, com arrogância, seguir a via segura da demonstração dedutiva. Simplesmente porque a verdadeira significação não tem sentido, ou antes, não se reduz a um sentido finalizado. Portanto, não se pode ir direto ao objetivo. O pensamento procede por etapas. Mostra de maneira indutiva. Como o pássaro que se dobra às correntes nas quais se banha, ao mesmo tempo que mantém o rumo, viravolta e plana: o que não carece de beleza nem tampouco de justeza. Ou, para dizer em termos mais elaborados, à imagem deste adágio próprio da mística e da sabedoria popular: “Deus escreve certo por linhas tortas”¹⁰.

Isso que me conduziu, de uma parte, a desenhar alguns traços do “método” – que entendo aqui como “abordagem” – e do sonho intemporal da sensibilidade maçônica: qual é o espírito que a anima? Qual é o tipo, o arquétipo de seu ideal? E, de outra

⁹ Hegel, *La philosophie de l'histoire* [A filosofia da história], LGF, La Pochotèque, 2009.

¹⁰ Provérbio português citado por Paul Claudel.

parte, a ver em que e como tal arquétipo se reatualiza nessas formas pós-modernas que não deixam de nos surpreender, até mesmo de nos chocar. Mas não se pode negar a importância crescente que elas tomam na vida cotidiana.

Certamente a ressurreição da abordagem iniciática, do ideal comunitário, dos pactos emocionais, de uma razão sensível, do sentimento de pertencimento, tudo isso tem como atormentar a opinião estabelecida em suas certezas individualistas e racionalistas. É também certo que o progressismo e o republicanismo que servem de padrão à sociedade oficial, desse modo, envelhecem rapidamente. Eis o que perturba o pensamento conformista!

Mas a filosofia progressiva, que é por essência “a-dogmática”, não procura agradar. Desde sempre sua ambição foi dar a pensar. Mais precisamente mostrando como o que está em sofrimento pode alcançar a plenitude de seu ser. Como o anômico torna-se progressivamente o canônico. Em um momento em que é comum ser militante, em que a convicção ocupa o lugar da análise, é preciso lembrar que este “a-dogmatismo” não é sem vínculo com a “neutralidade axiológica”, cuja pertinência e aspecto prospectivo foram mostrados pela obra de um pensador como Max Weber. Mais precisamente na medida em que esta sensibilidade teórica é um bom estimulante da inteligência, que convém compreender, *stricto sensu*, como esta capacidade de reunir o que está disperso.

Esta sensibilidade “a-dogmática” corresponde bem à abordagem iniciática, sensibilidade relativista, tendo em vista que relaciona os diversos elementos de um dado plural, se dirige a um leitor imaginativo, não aprisionado nas certezas baratas do conformismo oficial. Se este é seu caso, leitor benévolo, pode prosseguir a leitura.

Grandes funções societais	Modernidade Séculos XVII-XX	Tesouro escondido da francomaçonaria	Pós-modernidade Século XXI
Socialização	Educação	Iniciação	Interação
Identidade	Princípio individualista	Associação fraternal	Vínculo comunitário: tribalismo
	EU	NÓS	NÓS
Fundamento	Lei do pai	Egrégora	Lei dos irmãos
Princípio metodológico	Racionalismo	Razão sensível	Raciovitalismo
Filosofia	Progressismo	Filosofia progressiva	Ecosofia (ou progressividade)
Relação com o tempo	Linearidade da história	Tradição (passado) encarnada no presente	Instante eterno: o presente contém o passado e é repleto de futuro
Vínculo social	Contrato social que une os indivíduos entre si via Estado social	Irmanação: identificação com os irmãos	Pacto emocional